

# REVISTA APROXIMAÇÃO

EDIÇÃO ESPECIAL

III Encontro de Licenciatura em Filosofia:  
sua “excelência”, o conteúdo.

**VOLUME 13**

Revista Eletrônica dos estudantes de  
graduação em Filosofia da UFRJ

**A**



Revista Aproximação · ISSN: 2175-7534 · vol. 13 · Edição Especial ·

## Revista Aproximação

(Revista eletrônica dos estudantes de graduação em Filosofia da UFRJ)

**Volume 13 - Edição Especial - III Encontro de Licenciatura em Filosofia: sua “excelência”, o conteúdo - IFCS/UFRJ - Dezembro 2019**

<https://revistaaproximacaoifcs.wordpress.com/>

A Revista Aproximação é uma publicação acadêmica eletrônica especializada em Filosofia. Seu objetivo principal é veicular o trabalho de pesquisa dos graduandos da UFRJ. Estamos abertos, entretanto, a qualquer proposta cujo principal interesse seja o da pesquisa filosófica.

© Instituto de Filosofia e Ciências Sociais / Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Expediente – Comissão Editorial 2019.2**

Daniel Moura Justo

Daniel Nascimento

Daniele Pacheco

Fellipe da Costa

João Victor Rodrigues

Karol Noberto Guimarães

Kevelyn Secundino

Larissa Medeiros

Luany Beatriz André de Oliveira

Milena Monteiro Rodrigues

Pedro Ferreira Pedalini Pires

### **Editora-chefe**

Milena Monteiro Rodrigues

### **Conselho Editorial**

Alexandre Costa, Alice Haddad, Andrea Cachel, Antonio Rufino, Antonio Saturnino Braga, Carolina de Melo Bomfim Araújo, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Martins Azar Filho, Cesar Battisti, Cláudia Drucker, Clovis Brondani, Eduardo Brandão, Elizabeth Dias, Ethel Menezes Rocha, Fernando José de Santoro Moreira, Flavio Williges, Franklin Trein, Gilvan Fogel, Guilherme Castelo Branco, Helio Alexandre, José Claudio Matos, Léo Peruzzo, Lethicia Ouro, Luiz Maurício Menezes, Marco Antonio Caron Ruffino, Marcus Reis Pinheiro, Maria Clara Dias, Mariluze Ferreira, Mário Antônio de Lacerda Guerreiro, Mário Carvalho, Marisa Muguruza, Miguel Attie, Patrick Estellita Cavalcanti Pessoa, Pedro Costa Rego, Pedro Duarte de Andrade, Pedro Prikladnitzky, Rafael Haddock Lobo, Rafael Mello Barbosa, Raquel Krempel, Raul Landim Filho, Ricardo Jardim Andrade, Rodrigo Guerizoli, Rosalie Pereira, Ulysses Pinheiro, Valdetonio Pereira de Alencar, Vera Cristina Bueno, Vilmar Debona, Wilson John Pessoa Mendonça.

**Contato:** [revistaaproximacao@gmail.com](mailto:revistaaproximacao@gmail.com)

· <https://revistaaproximacaoifcs.wordpress.com/> ·

· Rio de Janeiro · Dezembro 2019 ·



## Sumário

<b>Editorial.....</b>	<b>03</b>
<b>Programação e Dados do III Encontro de Licenciatura em Filosofia.....</b>	<b>06</b>
<b>A construção do ensino de Filosofia entre normas, práticas e urgências.....</b>	<b>07</b>
<i>Jorge Quintas</i>	
<b>O Ensino de Filosofia na Reorganização Curricular do Colégio de Aplicação da UFRJ.....</b>	<b>09</b>
<i>Nelson de Aguiar Menezes Neto</i>	
<b>Implementação de políticas públicas educacionais e suas implicações para o conteúdo do ensino de Filosofia.....</b>	<b>11</b>
<i>Renata Martins Prado Matos Augusto</i>	
<b>Os conteúdos de Filosofia e a formação de professores, com um jogo.....</b>	<b>13</b>
<i>André Luiz Peixoto Duarte</i>	
<b>Questões acerca da precária formação docente na licenciatura em Filosofia e as repercussões na docência da escola básica.....</b>	<b>15</b>
<i>Ana Carolina Rigoni Carmo</i>	
<b>Dificuldades e/ou limites do professor em relação ao conteúdo curricular de Filosofia no Ensino Médio.....</b>	<b>17</b>
<i>Rodrigo da Silva dos Santos</i>	
<b>O estudo da Filosofia na educação básica como resistência à pós-verdade.....</b>	<b>19</b>
<i>Ana Beatriz Gomes</i>	
<b>A formação do atual currículo de filosofia do Colégio Pedro II.....</b>	<b>21</b>
<i>Germano Nogueira Prado</i>	
<b>Políticas Públicas e os conteúdos de Filosofia - enfatizando o trabalho docente em uma instituição militar.....</b>	<b>23</b>
<i>Roberta Soares de Melo</i>	



## Editorial

Nesta Edição Especial, a Revista Aproximação apresenta os resumos das discussões promovidas no III Encontro de Licenciatura em Filosofia - Sua Excelência: o conteúdo. (III Encontro LICFIL), evento promovido pelas professoras Dra. Íris de Oliveira (FE/UFRJ) e Renata Augusto e pelos alunos do ano de 2019 da disciplina de Didática da Filosofia do curso de Licenciatura em Filosofia da UFRJ. Nesse terceiro Encontro foram discutidas as questões que surgem a partir da (talvez equivocada) posição privilegiada do conteúdo na prática do Ensino de Filosofia, desde sua criação através dos currículos, até as possibilidades e dificuldades de sua aplicação.

O III Encontro LICFIL ocorreu no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ (IFCS/UFRJ) nos dias 15, 16 e 17 de outubro de 2019, e nele foram proferidas palestras sobre como as políticas públicas tratam do tema na legislação e as possibilidades e dificuldades da prática docente em relação à criação e aplicação do currículo de Filosofia; sobre a formação dos professores e como os egressos dos cursos de Licenciatura em Filosofia saem (ou não) preparados para ingressar na vida profissional; e sobre as exigências das escolas em relação ao conteúdo de Filosofia no Ensino Médio.

A mesa do primeiro dia de encontro tinha como tema "Políticas Públicas e o Conteúdo de Filosofia", e os três professores palestrantes, Me. Jorge Quintas, que atua na rede estadual pública (SEEDUC-RJ) e no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET-RJ, Dr. Nelson de Aguiar professor do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp/UFRJ) e Renata Augusto, professora recém-graduada pelo IFCS/UFRJ trataram de diferentes aspectos sobre o tema com base nas suas experiências vividas em sala de aula. O professor Jorge Quintas, nos contou sobre sua experiência na construção do currículo e nas escolhas dos conteúdos e práticas na rede estadual e na rede federal em especial o uso de técnicas dramáticas e do desenvolvimento de um currículo centrado nos textos de filósofos. O professor Nelson de Aguiar, abordou os reflexos da legislação nas práticas escolares de (re)organização dos currículos bem como mostrou alguns dos desafios da formulação de novos



horizontes e práticas curriculares no colégio em que atua, analisou o processo de construção de um programa curricular para a disciplina de Filosofia no CAP/UFRJ. A Professora Renata Augusto discorreu sobre as implicações da vasta legislação que rege as políticas públicas na Educação na atuação cotidiana dos professores, bem como analisou a implementação de um curso preparatório como política pública de inclusão social e extensão universitária em suas possibilidades e dificuldades. O aluno de licenciatura em Filosofia Marcello Picchi foi o mediador das atividades da mesa.

No segundo dia, “A formação do Docente e o conteúdo de Filosofia” foi o tema condutor das discussões, com os professores André Peixoto, da rede estadual pública (SEEDUC-RJ), Dra. Ana Carolina Rigoni, professora do Colégio Pedro II, *campus* Centro, e Dr. Rodrigo dos Santos, professor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ/FAETEC). O professor André Peixoto, graduado em licenciatura pela UFRJ, falou sobre o uso de jogos e a “gamificação” e suas possibilidades na escola e na universidade. A professora Ana Carolina Rigoni, graduada em licenciatura pela UERJ, nos fez repensar toda a estrutura curricular universitária que forma professores de Filosofia bem como falou sobre o trabalho e estudo que se dá não só na época de graduação, mas em toda a carreira. O professor Rodrigo dos Santos, graduado em licenciatura pela UFRJ, também nos ensinou sobre a formação docente e falou das suas práticas cotidianas em relação à transposição didática do conteúdo para os alunos da Educação Básica. Dorotéia Correia, aluna da licenciatura em Filosofia da UFRJ foi a mediadora da mesa.

No terceiro dia de LICFIL, com o tema “Exigências Escolares sobre os conteúdos de Filosofia”, tivemos a presença das professoras Ana Beatriz Gomes, que atua na rede pública estadual (SEEDUC-RJ), da Me. Roberta de Melo que foi professora do Colégio Militar do Rio de Janeiro e atualmente é no ensino médio e pré-vestibular em escola particular carioca, e Dr. Germano Prado, professor do Colégio Pedro II, *campus* Humaitá. A professora Ana Beatriz Gomes nos contou sobre como o ensino da filosofia na educação básica é de extrema importância para auxiliar o educando em seu processo de compreensão da realidade e dos problemas enfrentados por uma estrutura educacional baseada no controle e na disciplina e não no livre pensar. A professora Roberta de Melo falou sobre sua experiência como professora no Colégio



Militar e como foi possível desenvolver um trabalho com autonomia dentro de uma instituição militar, apresentando a Filosofia como instrumento para pensar. O professor Germano Prado nos fez refletir sobre o processo de construção de um currículo para a Filosofia, as escolhas de conteúdo que são feitas para dar visibilidade à filósofas e a filósof@s que não são comumente estudados, em especial aqueles não-europeus, a partir de sua prática docente no Colégio Pedro II. José Roberto da Silva, aluno da licenciatura em Filosofia da UFRJ foi o mediador da mesa.

Que o Encontro de Licenciatura continue firme no propósito de dar visibilidade aos esforços dos professores no processo de ensino-aprendizagem de Filosofia na Educação Básica.

Boa leitura a todos!

Cordialmente,

**Comissão Editorial da Revista Aproximação**



**Programação do III Encontro de Licenciatura em Filosofia:  
sua “excelência”, o conteúdo**

**DIA 15·10·2019**

**Políticas Públicas e o conteúdo de Filosofia**

Jorge Quintas (SEEDUC)

Nelson de Aguiar Menezes Neto (CAp/UFRJ)

Renata Martins Prado Matos Augusto (recém-licenciada pela UFRJ/ex-extensionista voluntária do projeto CAp/Popular)

Mediador: José Dyonísio Marcello Salles Picchi

**DIA 16·10·2019**

**A formação do Docente e o conteúdo de Filosofia**

André Luiz Peixoto Duarte (SEEDUC - Formação docente pela UFRJ)

Ana Carolina Rigoni Carmo (Colégio Pedro II - *campus* Centro - Formação docente pela UERJ)

Rodrigo da Silva dos Santos (SEEDUC/ FAETEC/ Professor do ISERJ na Formação de Professores - Formação docente pela UFRJ)

Mediadora: Dorotéia de Macedo Correia

**DIA 17·10·2019**

**Exigências Escolares sobre os conteúdos de Filosofia**

Ana Beatriz Gomes (SEEDUC/ Escola Particular Companhia de Maria)

Germano Nogueira Prado (Colégio Pedro II - *campus* Humaitá II)

Roberta Soares de Melo (Escola Particular Casulo Centro Educacional/ ex-professora do Colégio Militar)

Mediador: José Roberto da Silva

**Comissão Organizadora do Encontro de Licenciatura:**

Profa. Dra. Íris Rodrigues de Oliveira

Profa. Renata Martins Prado Matos Augusto

Elaine Lisboa - Licencianda em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

Ana Carolina da Silva Santos - Licencianda em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

Dorotéia de Macedo Correia - Licencianda em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

João Vítor Volk Ferreira Pinto - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

José Dyonísio Marcello Salles Picchi - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

José Roberto da Silva - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

Lucas Roberto Moraes Barbosa - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

Taiane da Silva Copello - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

Yuri Farias Campos Fernandes - Licenciando em Filosofia pelo IFCS/UFRJ

**Local de Realização:**

Sala Celso Lemos - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais UFRJ - Rio de Janeiro

**Site do evento:** <https://encontrolicfil.wixsite.com/3licfil>



## **A construção do ensino de Filosofia entre normas, práticas e urgências**

*Professor Jorge Quintas*

Meu trabalho consiste numa reflexão sobre minha prática como professor de Filosofia do CEFET/RJ e da Rede Estadual. Foco especialmente na construção do currículo e nas escolhas dos conteúdos e práticas mostrando como esse processo se deu a partir de um equilíbrio entre os aspectos normativos e pragmáticos do ensino.

Em primeiro lugar, faço uma comparação entre o currículo do CEFET/RJ e da educação estadual. O primeiro estabelece conteúdos básicos, como Epistemologia no segundo ano, porém parte da autonomia entre professores e campi como seu princípio norteador. No caso da Rede Estadual existe o currículo mínimo que oferece também determinada liberdade na escola dos conteúdos e autores. Apresento depois algumas diferenças básicas no desenvolvimento da disciplina Filosofia no ensino técnico federal e no ensino básico estadual a partir de quatro eixos: espaço da Filosofia na grade curricular, formação prévia do aluno, condição de trabalho e fluxograma do curso.

Em segundo lugar, descrevo uma análise diagnóstica que fiz com meus alunos. Pedi a partir de uma redação, desenho ou qualquer forma de expressão que os alunos respondessem a pergunta “quem sou eu”. O resultado mostrou que determinados contextos sociais e discursivos, como o problema da violência urbana e do papel da mulher na sociedade, se colocavam de forma mais urgente pros alunos. Minha proposta pra trabalhar filosoficamente essas e outras questões foi através do uso de técnicas dramáticas (a partir de jogos e mitos) e do desenvolvimento de um currículo centrado nos textos de filósofas, como *Condição Humana* de Hannah Arendt e no tema da mulher como uma questão filosófica fundamental, principalmente a partir da obra *O Segundo Sexo*. Esse processo durou um semestre e culminou na encenação de uma peça chamada *Filósofas*, que conta a história de Hipátia, Rosa Luxemburgo, Hannah Arendt e Simone de Beauvoir. Mostro como essa peça foi uma ferramenta poderosa para inclusão dos alunos com dificuldade de aprendizado, absorção dos conteúdos e dignificação do





Revista Aproximação · ISSN: 2175-7534 · vol. 13 · Edição Especial ·

ensino de Filosofia no colégio. Depois analiso como essa proposta foi executada nas diversas turmas e sistemas de ensino e suas principais vantagens e desvantagens.

Por fim, falo sobre o impacto das políticas públicas atuais no ensino de filosofia e como podemos lutar para manter os avanços dos últimos anos diante das mais variadas formas de ataque.



## **O Ensino de Filosofia na Reorganização Curricular do Colégio de Aplicação da UFRJ**

*Professor Nelson de Aguiar Menezes Neto*

A presente comunicação discute o estado atual do ensino de Filosofia no Colégio de Aplicação da UFRJ e problematiza o seu lugar na formulação de novos horizontes e práticas curriculares para esta mesma Instituição. A criação do Setor Curricular de Filosofia no Colégio de Aplicação é recente, tendo ocorrido apenas em 2018. Seu programa curricular encontra-se, por essa razão, em um processo de construção que se situa na confluência de novas políticas públicas educacionais relativas à Educação Básica e ao Ensino Médio. Encontra-se situado também em um momento em que uma profunda discussão sobre o Currículo como um todo é desenvolvida internamente.

Sensível às transformações e demandas contemporâneas respeitantes ao universo educacional, a comunidade educativa do CAp UFRJ tem assumido a tarefa de estabelecer um diálogo interno com o fim de delinear uma proposta de reorganização curricular. Para alcançar essa finalidade, foram tomadas diferentes iniciativas como a criação de um Grupo de Trabalho em 2017, reunindo docentes de diferentes Setores, além da realização de Plenárias Pedagógicas, em 2018 e 2019, voltadas para o tema do Currículo.

Pensar o lugar do ensino de Filosofia e de seu programa curricular no Colégio de Aplicação da UFRJ requer, portanto, uma compreensão da condição e do estatuto desse saber na proposta de Currículo dessa Instituição de Ensino. É fundamental, nesse sentido, perceber o espaço que o ensino de Filosofia já ocupa e vislumbrar aquele que ele pode ocupar. Nesse sentido, é preciso, desde o início, refletir sobre suas potencialidades e combater a ideia de que foi excluído da Educação Básica, uma concepção que tem se disseminada nos últimos anos, tendendo a se enraizar como senso comum e realidade.

De fato, tanto a Lei da Reforma do Ensino Médio (2017) quanto a Base Nacional Comum Curricular (2018) preveem inclusão obrigatória da Filosofia no Ensino Médio,



delegando às escolas e aos sistemas de ensino a organização de seus currículos. Aqui reside, portanto, a chave para se pensar um Currículo que inclua o ensino de Filosofia. É preciso, sob esse aspecto, avançar de modo propositivo e reformular, com consistência, os argumentos que justificam a presença do conteúdo, dos estudos e das práticas filosóficas no Currículo escolar.

Ainda que o ensino de Filosofia possa estar a serviço do pensamento crítico, da interdisciplinaridade, da cidadania ou de qualquer outra competência afim, esses argumentos não esgotam a justificação aqui necessária. É preciso defender sua importância formativa para além de um ponto de vista instrumental, que pode ser cumprido, inclusive com mérito, por outros componentes curriculares. Propõe-se, em última análise, que essa justificação deva ser ancorada em uma concepção da Filosofia como *campo autônomo do saber*, um saber especializado e de referência, produzido historicamente e socialmente referendado, com seu conjunto particular de conteúdos, práticas e técnicas. Desse modo, fundado no exercício de uma potência humana criativa de construção de um determinado tipo de discurso (*lógos*), a inserção do ensino de Filosofia no Currículo da Educação Básica deve ter como perspectiva fundamental a efetivação da democracia e do acesso igualitário aos saberes.

## **Implementação de políticas públicas educacionais e suas implicações para o conteúdo do ensino de Filosofia**

*Professora Renata Martins Prado Matos Augusto*

A comunicação tem como objetivo geral analisar as possibilidades e dificuldades da implementação de políticas públicas educacionais e suas implicações para a escolha do conteúdo no ensino de Filosofia. Mais especificamente, pretendo (i) apresentar parte do amplo normativo legal que rege as políticas públicas educacionais para que possamos discutir suas implicações para a atuação cotidiana dos professores na área de Ciências Humanas, em especial na Filosofia; (ii) mostrar como a extensão universitária pode ser um profícuo exemplo de política pública de integração da Universidade com a comunidade escolar; (iii) relatar a experiência de adaptação do conteúdo para o ensino de Filosofia no projeto de extensão CAp Popular, curso preparatório para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), curso este sediado no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp/UFRJ); e (iv) analisar os resultados dos esforços empreendidos nesse processo de adaptação do conteúdo no processo de ensino-aprendizagem e na formação social e cidadã dos estudantes.

As políticas públicas educacionais são ações promovidas pelo Estado para efetivar o direito fundamental à educação garantido constitucionalmente. Envolvidas nessa comunicação estão algumas políticas públicas educacionais, como a extensão universitária, que é parte da Política Nacional de Extensão e visa promover a interação da universidade com outros setores da sociedade; e os exames nacionais ENCCEJA e ENEM que fazem parte da Política Nacional de Avaliação e Exames da Educação Básica. A própria iniciativa de se criar um curso preparatório para o ENCCEJA e o ENEM como o CAp Popular pode ser entendida como uma política pública de inclusão social e escolar, já que é um curso promovido por agentes públicos, a saber, professores do CAp/UFRJ, e que tem como público-alvo pessoas que em geral ficam à margem da educação pública de qualidade, como pessoas negras, trabalhadores, moradores de



favelas e pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneras, *queer* e intersexo (LGBTQI+).

Como aliar a extensão universitária a um curso preparatório para exames com objetivos diferentes, e com um público-alvo heterogêneo com históricos e vivências escolares díspares? Como escolher o conteúdo de Filosofia a ser trabalhado com esses estudantes e que metodologia usar? Como podemos avaliar o processo de ensino-aprendizagem desses estudantes? Essas são algumas das perguntas norteadoras do relato e análise da experiência por mim vivida ainda como graduanda de licenciatura em Filosofia, quando participei do projeto como extensionista voluntária; e já como professora, quando tive a oportunidade de ministrar uma das três aulas da área de Ciências Humanas dedicadas à Filosofia do semestre letivo de 2019.2.



## Os conteúdos de Filosofia e a formação de professores, *com um jogo*

*Professor André Luiz Peixoto Duarte*

O final desse texto: o indivíduo busca o que interessa a ele. Essa é uma resposta à pergunta como motivar um aluno. Aqui já começando a ensinar que este aluno hipotético, nem aluno é. Pois, não é, não existe a-luno. Do verbo divino foi criado o indivíduo, como tal, com livre arbítrio. Todas as perguntas pelos pressupostos deste resumo respondidos com fato do leitor poder perguntar o que quiser (o leitor, ele também indivíduo buscador). Se o buscador-leitor se interessar podemos até chamá-lo estudante. Se o estudante concordar com o que lê agora podemos dizer que está engajado. Talvez até passe a professar isto. Esta é uma filosofia. Ou o começo de uma filosofia (e uso “começo” como “O propósito”). Então qual a percepção de você leitor, agora estudante deste texto? Talvez interessado em seus fundamentos?

E se... parágrafo e etc, quebrando um fluxo de prazer, ou talvez uma quarta parede, não metafísica, mas metalinguística (veja você empolgado digitando no “google”) apresentasse o enigma “1 – 2 – 14”, onde cada número representa uma palavra do primeiro parágrafo desse texto. Complete a frase com “O propósito” e terá aprendido algo sobre Heráclito: tudo muda. Portanto, é possível mudar o sistema de educação se, enfatizando a percepção do estudante em formação frente aos conteúdos filosóficos, a formação de professores (frase-longa-muito-longa-respire-ai) levar em conta que: o indivíduo busca o que interessa a ele.

Interesse é só o começo (menti? O que é mentira?). Esse texto apresentou a experimentação da hipótese do indivíduo buscar o que interessa a ele e, antes que alguém caia no sono diante do óbvio... (pausa dramática e mais metalinguagem), passaremos ao que interessa: como fiz você leitor chegar até aqui.

(não leia a frase em itálico) *inverter frases de um discurso*. Disse para não ler.

Estamos jogando um jogo agora, você e eu. Um “texto-jogo”. O jogo se chama “ensino e aprendizagem *com jogos*”. Como criador do jogo, eu crio dificuldades



desnecessárias, mas que o leitor tem capacidade de superar com algum esforço. Podem ser dificuldade simples como (agora leia a frase em itálico). Ou criar enigmas. Até provas codificadas e escondidas, que os estudantes, quase detetives, devem seguir pistas e conquistar o direito de fazê-las. Pegando jogos que existem e adaptando eles, ou criando novos jogos, meu texto-jogo e sua aula-jogo criam uma sensação de prazer nos estudantes a cada desafio vencido. Uma sensação chamada orgulho. Os estudantes lusórios (que jogam o jogo do estudar), diferentes dos a-lunos ilusórios, aprendem conteúdos com orgulho, *enquanto* jogam. As regras do jogo do estudante é clara: estudar o que lhe interessa. Qual a regra do jogo deste texto?

Para vencer este texto-jogo tem que ser ousado e filósofo, um professor que propõe um jogo interessante, causando um ensino e aprendizagem de um indivíduo chamado estudante, de maneira que este indivíduo tenha orgulho de aprender. SEM USAR PALAVRAS COM A LETRA B, como esse texto, até agora. 499 palavras, sim.



## **Questões acerca da precária formação docente na licenciatura em Filosofia e as repercussões na docência da escola básica**

*Professora Ana Carolina Rigoni Carmo*

Desde a minha graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (concluída em 2001) até os dias de hoje, o aprendizado da maior parte dos temas e filósofos necessários ao meu trabalho como docente foi alcançado de forma individual e autodidata. Muitos autores fundamentais sequer foram citados durante os anos de Bacharelado, enquanto outros foram estudados exaustivamente, promovendo enorme desequilíbrio no panorama geral que a faculdade deveria oferecer. Em relação à Licenciatura, as discussões sobre didática, planejamento e políticas educacionais foram insuficientes para o início de uma carreira com segurança e algum preparo para a realidade da escola básica.

Nas universidades, é clara a desqualificação dos cursos de Licenciatura e a supervalorização do Bacharelado como espaço propriamente filosófico. Esta última habilitação, desarticulada das urgências sociais e políticas da educação no país, forma igualmente docentes, que atuarão no nível superior, sem terem recebido formação pedagógica alguma na graduação ou mesmo nos cursos de pós-graduação. Por outro lado, os licenciandos sofrem com a precariedade da curta formação para o trabalho docente e da desarticulação total das disciplinas pedagógicas com as matérias de conteúdo filosófico.

Embora a proposta universitária atribua grande parte da formação aos próprios alunos, que, como adultos, são livres e responsáveis pelo seu estudo e aprendizado, as instituições devem fornecer uma estrutura básica de disciplinas que estabeleçam uma rede de saberes, que propiciem discussões fundamentais ao futuro educador. É notório que um curso de 4 ou 5 anos não apresentará todos os conteúdos fundamentais ao ensino de Filosofia. Mas é imprescindível que a habilidade didática seja estimulada em todos os futuros docentes e que as disciplinas conceituais ofereçam um panorama básico mais consistente - temático e histórico - a fim de fornecer sustentação para o aprendizado futuro, a ser construído de acordo com os interesses e necessidades de cada





estudante. Se a graduação gera alunos “parcialmente” preparados, inicia-se um ciclo das precariedades, pois estes serão os próximos formadores de visões parciais.

Portanto, se a Filosofia é a disciplina que pretende estimular o senso crítico e a ampla discussão na escola, ela precisa refletir sobre a própria formação ofertada aos futuros profissionais, a fim de avaliar quais mudanças as universidades precisam realizar. Ao aprimorar os cursos que formam professores de Filosofia, poderá superar dificuldades e enfim contribuir de forma mais efetiva à melhoria da qualidade da educação no país.



## **Dificuldades e/ou limites do professor em relação ao conteúdo curricular de Filosofia no Ensino Médio**

*Professor Rodrigo da Silva dos Santos*

A comunicação visa apresentar algumas dificuldades e/ou limites enfrentados pelo professor de Filosofia de Ensino Médio na sua relação com o conteúdo curricular a ser trabalhado em aula. Essas dificuldades e/ou limites podem ser explicitados a partir da análise de dois contextos que se dão no mesmo universo da prática docente: o contexto de sua formação acadêmica, isto é, o curso de Licenciatura em Filosofia; e o contexto do exercício de sua atividade profissional, desdobrando-se em diversas relações nas quais o professor está inserido; dentre elas destacamos três: 1) a relação professor / parâmetros curriculares legais vigentes; 2) a relação professor / comunidade escolar (demais professores, coordenação e orientação pedagógicas, direção, agentes educadores, merendeiras, porteiros, proprietários da instituição escolar, secretaria estadual de educação, pais, etc.); 3) a relação professor / aluno. Assim, em primeiro lugar, no contexto da formação acadêmica, a dificuldade e/ou limite que inicialmente podemos destacar ao tratarmos o conteúdo de Filosofia é a falta de uma visão mais generalista e interdisciplinar em relação ao conjunto de temas e problemas filosóficos e pedagógicos que podem ser integrados nas disciplinas constitutivas do curso de Licenciatura em Filosofia. O que se nota, contrariamente a essa visão, é que o currículo dos cursos de Licenciatura em Filosofia contém disciplinas, em sua maioria, idênticas aos dos cursos de Bacharelado, cuja proposta curricular é primar pela especialização temática e, muitas das vezes, sem preocupação didática. Além disso, os cursos de Licenciatura carecem de maior quantidade de disciplinas que abordem e discutam metodologias e didáticas de ensino para o Ensino Médio especificamente, e para a Educação Básica de forma geral. Em segundo lugar, no contexto da atividade profissional docente, o trato do professor de Filosofia com o conteúdo de sua Disciplina faz surgir dificuldades e/ou limites nas três relações apontadas acima. Na relação professor / parâmetros curriculares legais, o conteúdo configura-se pano de fundo da dialética entre autonomia pedagógica do professor e currículo legalmente estabelecido, impondo eixos temáticos e metodologias que proporcionem o desenvolvimento de



habilidades e competências específicas por parte do alunado. Na relação professor / comunidade escolar, a questão do conteúdo pode se expressar de diversos modos, dentre eles as discussões sobre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, envolvendo outras disciplinas e seus respectivos professores, e, ademais, discussões políticas, ideológicas e religiosas, cabendo ao professor certa prudência na abordagem de temas e problemas filosóficos, quando considerados delicados e polêmicos, não só para os alunos, para os pais e responsáveis, mas, inclusive, para os colegas de trabalho entre outros. E, por fim, na relação professor / aluno, representa a relação mais importante, cujas dificuldades e/ou limites em relação ao conteúdo a ser trabalhado impõe o desafio da elaboração de temas e problemas filosóficos que sejam relevantes para o alunado, mas que também sejam relevantes socialmente, e, ademais, para o próprio professor. Cabe, portanto, ao professor compreender que todas essas relações são dialéticas, pois todas elas estão permeadas de contradições, mas que devem ser superadas, buscando a realização efetiva da dinâmica ensino / aprendizagem.



## **O estudo da Filosofia na educação básica como resistência à pós-verdade**

*Professora Ana Beatriz Gomes*

O Ensino da filosofia na educação básica é de extrema importância para auxiliar o educando em seu processo de compreensão da realidade.

A educação se transformou em um processo de acúmulo de conhecimento e informação sem reflexão. O ensino da filosofia possibilita ao educando compreender toda a estrutura de construção e desconstrução do conhecimento. O educando é convidado a observar o mundo e suas sociedades através das aulas de filosofia. Ele passa a compreender como se deu o conhecimento na história humana.

Em um mundo permeado pela ascensão da pós-verdade, o ensino da filosofia possibilita ao aluno entender que a construção de conhecimento não é consequência de uma visão subjetiva e individual do mundo, mas algo que segue um rigor metodológico, que faz com o que o ser humano consiga encontrar a verdade.

Em tempos nos quais a verdade se torna uma inimiga efetiva de grupos sociais, o ensino de filosofia passa a ter um novo grau de importância, pois ao apresentar ao aluno, os diversos processos de conhecimento que auxiliaram na construção da civilização humana, este passa a compreender que a filosofia é um dos pilares de sustentação da sociedade, pois ela garante a manutenção da verdade.

Talvez seja esse o grande desafio da filosofia no século 21: garantir a sobrevivência da verdade. E essa garantia não pode ficar presa no mundo acadêmico, ela é crucial na educação básica, quando o educando está construindo a sua capacidade reflexiva e de compreensão do mundo.

A história da filosofia é a história em sua busca pela verdade. Quando falamos de Sócrates, Platão, Aristóteles, falamos de pessoas que tinham como objetivo garantir a verdade em um mundo permeado de ilusões e caos. Nós como professores de filosofia



precisamos garantir que o aluno compreenda que por detrás daqueles conceitos que parecem tão distantes existem problemas que permeiam a existência dele.

A grade curricular de filosofia deve ser um misto de problemas filosóficos e história da filosofia, fazendo pontes constantes com a realidade que cerca tanto o aluno como o professor.

Qual é a lógica de trabalhar política em Aristóteles dissociada da realidade do indivíduo que está sendo apresentado ao conceito? Quando ele compreende que o problema filosófico apresentado por Aristóteles ainda não foi respondido e que a sociedade ainda lida com uma estrutura extremamente injusta, ele passa a valorizar aquele conteúdo trabalhado em sala como algo válido para a sua vida.

Ao contrário do que muitos pensam a filosofia está no dia a dia e em todos os momentos da vida social do aluno. Mas ele precisa do auxílio do professor para fazer uma ponte entre a história da filosofia, o problema filosófico e a sociedade ao qual ele está inserido.

É extremamente importante que a organização curricular da filosofia aborde essas duas questões: A história da filosofia, que é a história do pensamento humano e o problema filosófico que ainda pulsa, que ainda existe na sociedade.



## A formação do atual currículo de filosofia do Colégio Pedro II

*Professor Germano Nogueira Prado*

A ideia da apresentação é descrever o processo pelo qual formou-se o atual currículo de filosofia do Colégio Pedro II. Para essa formação, era preciso considerar, por um lado, a ausência de um currículo nacional comum de filosofia, o que não necessariamente é negativo, visto que pode favorecer a liberdade e a pluralidade de percursos própria ao filosofar, expressas, no caso, nas diferentes formações dos docentes do Departamento de Filosofia do CPEI. Por outro lado, é preciso possibilitar que os estudantes tenham contato com a amplitude de questões e caminhos em jogo na(s) filosofia(s). Isso significa incluir aí também aquelas e aqueles que costumam ficar de fora do cânone tradicional -- a saber, as mulheres, as tradições africanas, os povos indígenas e as tradições não europeias em geral. Dessas preocupações surgiu um currículo que não é uma lista de conteúdos distribuídos pelas séries e períodos letivos, em geral pensados de uma perspectiva histórico-linear e/ou temática -- mas sim um conjunto de orientações para que cada equipe e/ou cada docente de cada *campus* formule seu respetivo plano de curso para as três séries do Ensino Médio, com base nos seguintes princípios: “autonomia de pensamento e ação, capacidade de articulação entre saberes, pluralidade de ideias, valores e concepções pedagógicas, respeito à alteridade e apreço ao diálogo - princípios estes condizentes com uma sociedade democrática, aberta, incluyente e igualitária”<sup>1</sup>. Em linhas gerais, tais orientações ou diretrizes são: i) contemplar, ao longo dos três anos do Ensino Médio, as diversas áreas em que costuma ser dividida a filosofia, nomeadamente: História da Filosofia, Ontologia/Metafísica, Lógica, Epistemologia, Ética, Política e Estética; ii) apresentar e discutir, em cada questão tratada, pelo menos duas posições diversas; iii) considerar, como estratégia metodológica, que a filosofia é constituída de *problemas*, aos quais respondem *teorias* sustentadas por *razões*, e que todos estes itens destacados têm como elementos estruturantes os *conceitos*; iv) adotar, em ao menos um dos períodos letivos do curso de filosofia, pelo menos um texto das culturas afrobrasileira e indígena, bem

<sup>1</sup> Projeto Político Pedagógico Institucional, Colégio Pedro II, 2018, p. 330. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/component/content/article.html?id=2315>.



como um texto de filósofas e de tradições não pertencentes à tradição euroocidental. Todavia, tão ou mais importante que essas diretrizes é o modo como elas foram construídas: através de reuniões do Departamento de Filosofia nas quais se procurou tanto elaborar consensos quanto respeitar e dar voz aos dissensos. Esse processo democrático continua no modo como os planos de cursos são pensados e guarda o caráter aberto e dinâmico do currículo elaborado. Com base nas orientações gerais, a equipe de cada *campus* debate coletivamente o plano de curso de cada série, que pode ser unificado por equipe ou diferente para cada docente, ainda que os planos dos docentes que ministrarão aulas na mesma série tenham núcleos comuns. Tais planos são compartilhados com os demais *campi*, num processo que permite que os colegas conheçam mais e melhor o trabalho um do outro e possam enriquecer seus respectivos trabalhos. A apresentação se encerra mostrando como dessas discussões surgiu o projeto da Licenciatura em Filosofia do Colégio Pedro II.



## **Políticas Públicas e os conteúdos de Filosofia - enfatizando o trabalho docente em uma instituição militar**

*Professora Roberta Soares de Melo*

O ano de 2008 foi de suma importância para a história da disciplina Filosofia no Brasil. Em junho daquele ano passava a vigorar a obrigatoriedade desta disciplina. Neste mesmo ano, eu ingressava no colégio militar do Rio de Janeiro como oficial técnico temporária, o que na prática, significava assumir o cargo de docente, porém, como militar por tempo determinado.

É importante destacar que o Sistema Colégio Militar (pelo menos no Rio de Janeiro) já possuía em sua grade a disciplina para as turmas do 1º e 2º anos de ensino médio, mas a partir de 2009 passaria a acrescentá-la também à sua 3º série. Considerando as expectativas dos alunos do 3º ano e da relação pouco comprometida com a disciplina que eles apresentavam, não preciso dar grande destaque à dificuldade para a aceitação da Filosofia naquele ano escolar em que eles gostariam de se dedicar exclusivamente ao que os levaria à universidade. Vale lembrar que no momento ainda não contávamos com o Exame nacional do ensino médio para às universidades mais cotadas pelos alunos da instituição.

Em termos gerais, considero que aquele momento foi crucial para a prática docente da Filosofia. Era um momento de transição e reafirmação de uma disciplina desvalorizada, mas também “temida” que voltava ao currículo de todo o ensino médio. Em termos mais específicos, a prática docente no colégio militar era realizada em uma hora/aula por turma e os conteúdos eram definidos em reuniões bienais com os docentes do sistema que ministravam a disciplina. Havia, nessas reuniões e fora dela, a liberdade quanto à construção e o desenvolvimento desses conteúdos. No CM, como carinhosamente chamamos a instituição, não havia descrédito ou crédito a uma ou outra disciplina, mas vale ressaltar a ausência de vagas de Filosofia (e sociologia) em concursos para professores efetivos. Contávamos apenas com os OTTs (meu caso), contratados civis e militares com formação que assumiam o cargo de professor.





Ao longo de nove anos (o último deles como contratada civil) vi essa diversidade de profissionais desempenhando suas funções e reafirmo a autonomia em sala de aula. Portanto, não experimentei censura, como também não deixei de me reconhecer como a professora que me propus ser. Inclusive, produzi, junto aos meus colegas, diversas aulas interdisciplinares o que nos rendeu o projeto “trocando olhares”, onde roteirizamos os encontros múltiplos que construímos ao longo de anos. Tive também a oportunidade de organizar na instituição em 2015 a Olimpíada Estadual de Filosofia tendo o apoio financeiro como pedagógico dos colegas docentes para a realização do evento.

Olhando para minha experiência dentro de uma instituição militar, concluo que a Filosofia pode ser apresentada como instrumento para pensar as mais diversas questões, o que não cabe a ela é ser apresentada como verdade pronta, caso contrário, perde a sua essência criadora e desbravadora de conceitos. Instituições de ensino, sejam elas privadas, públicas, religiosas, militares, tem o papel de auxiliar a criança e o adolescente na passagem a um outro estágio humano — o da responsabilidade consigo e com o outro. O que nos cabe? Ajudá-los a crescer.